

Edgar Lincoln

CORREIO BRAZILIENSE

O ex-senador Jutahy Magalhães morreu prematuramente, dia 31 de janeiro, aos 70 anos de idade. Todo político digno, probo, incorruptivelmente dedicado ao interesse público e às melhores causas nacionais, justo, lutador, corajoso, desprendido de vaidades e ambições pessoais menores, qualquer que seja ele (como o era aquele saudoso homem público baiano) e em qualquer idade, morrerá sempre prematuramente, porque é uma lição viva.

Conheci o então senador Jutahy Magalhães faz mais de 20 anos, quando — na época assessor legislativo do Senado Federal — ele requistava meu trabalho com frequência para o esboço de seus pareceres, votos e discursos. Aprendi a captar sua mensagem, a entender o conteúdo e as relações lógicas de seu pensamento, homem inteligente, sensível, que se tornou estudioso e interessado por vários temas. Em toda a minha vintenária experiência em assessoramento parlamentar, poucos políticos me impressionaram tanto quanto esse eminente senador baiano.

Foi sempre uma estrela ascendente. Admirável a dimensão de sua grandeza humana. Até sua retirada da militância política foi uma decisão programada e de profunda grandeza, embora sofrida e resistida, porque tomada no momento maior de sua maturidade parlamentar, quando chegou a ser uma referência opinativa. Duas qualidades, entre outras, eram invejáveis no senador: sua capacidade de evoluir, intelectual e ideologicamente, e seu conhecido destemor, moral e físico.

A primeira pode ser reconhecida por quem tenha acompanhado sua atividade parlamentar e se recorde, por exemplo, da habilidade com que ele sabia lidar com os difíceis instrumentos regimentais, no Plenário e nas comissões, e de como ele passou a dominar as funções e o timing dos recursos, via intervenções e apartes, no uso técnico-político do tempo regimental. Também essa qualidade pode ser identificada em seus posicionamentos, sobretudo a partir de meados dos anos 80.

A outra qualidade é, por um lado, uma decor-

rência de sua vida eticamente incólume e ilibada; por outro, uma atávica marca familiar de coragem para enfrentar, jamais para afrontar. Homem leal para com amigos e adversários (nunca teria sido inimigo de um adversário, sabendo reconhecer neste, ainda que quase sempre inconciliavelmente, mas humana e generosamente, as qualidades que apenas na aparência poderia, se fosse o caso, fingir desconhecer).

Deu inestimável contribuição ao país e ao Parlamento, embora sem alarde, com singular modestia, transformada, por sua ausência sistemática do noticiário consentido, em um quase anônimo homem público (a notícia de sua morte no *Jornal Nacional* soou como uma inesperada permissão para anunciar-se uma única, derradeira e inútil vez seu nome ao Brasil; embora assim, consigo perceber no comando do sinal verde um nobre e respeitoso gesto de adeus). Cito, de memória instantânea, apenas duas de suas numerosas contribuições. Uma, o Código de Defesa do Consumidor, do qual ele foi o principal propugnador no Senado. Outra contribuição, uma palestra que ele fez em São Paulo (nos idos de 92) num seminário sobre produtividade, quando delineou, inédita e pioneiramente no Brasil, as linhas conceituais básicas do que é produtividade no Legislativo. Logo em seguida, deixei o Senado sem saber se essa palestra acabou sendo publicada. Conquanto ultrapassada nos aspectos de conjuntura política, era até então um documento único para o estudo técnico do tema. Parabéns, senador Jutahy, por sua vida exemplar, assim de político, como de filho (seu histórico pai, general Juraci Magalhães, ainda está vivo e dele recebia extremada atenção diária), marido, pai e avô. Poucos supõem, mas o senhor

deixou muitos órfãos, entre amigos, seguidores e admiradores. É o meu modesto, saudoso, devido e comovido testemunho.

■ Edgar Lincoln de Proença Rosa, ex-consultor e diretor da Consultoria do Senado Federal, é procurador da Fazenda Nacional

